

# A polêmica em *Personagens Bíblicos – Novo Testamento*: a retórica do dissenso na argumentação religiosa

*Polemics in “Personagens Bíblicos - Novo Testamento”:  
the rhetoric of dissensus in religious argumentation*

João Vitor Ferreira Rivelli <sup>1</sup> 

Rony Petterson Gomes do Vale <sup>2</sup> 

## RESUMO

O livro *Personagens Bíblicos – Novo Testamento*, escrito pelo teólogo e ministro presbiteriano Alexander Whyte, narra sobre a vida de figuras bíblicas e propõe lições morais extraídas de suas histórias. Publicada entre os séculos XIX e XX, a obra reflete os valores religiosos e doutrinários do protestantismo, estruturando suas narrativas em uma lógica argumentativa que frequentemente instaura relações polêmicas. Este trabalho analisa a função da polêmica no discurso de Whyte, investigando como a construção de confrontos entre ideias dicotômicas, que buscam desqualificar o adversário, é utilizada estrategicamente na obra. Para tanto, realizamos análise retórica e utilizamos a teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau (2019), especialmente no modo de organização argumentativo, para compreender como Whyte articula suas estratégias discursivas. Observamos que ele constrói um *ethos* de autoridade religiosa, impondo autenticidade aos valores que defende. Essa postura é complementada por uma estratégia em que o autor combina citações bíblicas com elementos imaginativos. Assim, embora os cenários recriados pela imaginação sejam baseados em valores pessoais, eles produzem uma aparência lógica e objetiva. Whyte posiciona-se como defensor do protestantismo e cria um discurso polêmico ao confrontar visões opostas. Assim, além de narrar histórias bíblicas, o livro apresenta mecanismos de persuasão voltados à formação de crenças alinhadas aos princípios religiosos do autor.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Polêmica. Personagens Bíblicos.

## ABSTRACT

The book *Biblical Characters – New Testament*, written by the theologian and Presbyterian minister Alexander Whyte, narrates the lives of biblical figures and derives moral lessons from their stories. Published between the 19th and 20th centuries, the work reflects the religious and doctrinal values of Protestantism, structuring its narratives through an argumentative logic that frequently establishes polemical relations. This study analyzes the function of polemics in Whyte's discourse, investigating how confrontations between dichotomous ideas, aimed at disqualifying the adversary, are strategically employed in the work. To this end, we carry out a rhetorical analysis and draw on Patrick Charaudeau's semiolinguistic theory (2019), particularly the argumentative mode of organization, to understand how Whyte articulates his discursive strategies. We argue that he constructs an *ethos* of religious authority, reinforcing authenticity of the values he defends. This stance is supported by a strategy in which the author combines biblical quotations with imaginative elements. Although the scenarios recreated by his imagination are rooted in personal values, they produce a logical and objective appearance. Whyte thus positions himself as a defender of Protestantism and creates a polemical discourse by confronting opposing views. Consequently, beyond narrating biblical stories, the book deploys persuasive mechanisms aimed at shaping beliefs aligned with the author's religious principles.

**Keywords:** Discourse analysis. Polemic. Biblical characters.

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Viçosa/MG, Brasil. E-mail: joao.v.rivelli@ufv.br.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte/MG, Brasil. E-mail: ronyvale@ufv.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O livro *Personagens Bíblicos - Novo Testamento* é uma continuação de *Personagens Bíblicos - Antigo Testamento*. Ambos os livros foram publicados originalmente no final do século XIX por Alexander Whyte, um teólogo e ministro presbiteriano, encarregado da mais influente congregação da Igreja Livre da Escócia, que possuía mais de 1000 membros (Kibuuka, 2021). O estudo e as interpretações de Whyte, sobre a Bíblia, repercutem até os dias de hoje, de modo que *Personagens Bíblicos, antigo e novo testamento*, foram traduzidos recentemente (2021) para o português pela editora Penkal.

Quanto à estruturação de cada capítulo, *Personagens Bíblicos - Novo Testamento* (doravante: *PB*) apresenta procedimentos discursivos diferentes para relatar a história de personagens da Bíblia e, ao mesmo tempo, evidenciar valores que estariam relacionados a essas histórias, que, na concepção de Whyte, deveriam ser aceitos por um público religioso. Os valores defendidos, em sua maioria relacionados à doutrina protestante, são centrais na construção de cada capítulo. Desse modo, a história dos personagens é contada a partir de um procedimento de *descrição narrativa*<sup>3</sup>, que se insere em uma lógica argumentativa e se soma a outras estratégias discursivas, dentre elas, a construção de um discurso polêmico.

Assim, demonstraremos, ao longo deste artigo, a função da polêmica no discurso de *PB*, investigando como a construção de confrontos entre ideias dicotômicas, que buscam desqualificar o adversário, é utilizada estrategicamente na obra para influenciar os valores dos leitores. A tradução recente (2021) da obra no Brasil é feita em um contexto de crescimento de igrejas com doutrinas vinculadas ao protestantismo, a saber, igrejas pentecostais e neopentecostais. Desse modo, os conflitos doutrinários que surgem ao longo do livro podem influenciar debates recentes de teor polêmico.

A polêmica é caracterizada, segundo Amossy (2017), por uma oposição entre discursos. De tal modo, um *discurso polêmico* envolve a defesa de um determinado posicionamento a partir da desqualificação e refutação do discurso de um "outro". Dessa forma, a autora propõe que a polêmica é uma modalidade argumentativa em que o conflito desempenha um papel constitutivo.

A palavra "conflito", do latim *conflictus*, remete à noção de embate entre duas forças adversárias. Ele pode ser motivado, segundo Charaudeau (2016), pelos sentimentos de insatisfação ou injustiça. Ambos os casos podem gerar uma relação de força entre os envolvidos. Quando as forças possuem uma equivalência, há uma relação de negociação. No entanto, quando são desiguais, há uma relação de dominação/submissão, que pode ser motivada, por exemplo, pela busca de hegemonia nos domínios étnico e/ou religioso. Por exemplo, no domínio religioso, a polêmica pode funcionar como uma forma de reforçar valores identitários de uma determinada doutrina a partir da construção de um "adversário" simbólico.

Há indícios de certas relações conflituosas em *PB*. Quanto à relação de dominação, Whyte busca amparar a defesa de valores protestantes a partir da construção de um *ethos*<sup>4</sup> de autoridade religiosa, como se observa no seguinte trecho do capítulo "LXXX. A

<sup>3</sup> Charaudeau (2019) categoriza a *descrição narrativa* como um procedimento discursivo – procedimentos que utilizam certas categorias de outros modos de organização do discurso para produzir efeitos de persuasão – da encenação argumentativa. A *descrição narrativa* consiste em descrever uma situação ou contar uma história a fim de produzir ou reforçar uma prova.

<sup>4</sup> O *ethos* é uma imagem que o locutor constrói de si mesmo em um discurso, visando influenciar o interlocutor (Maingueneau, 2004, p. 220).

mulher que sangrava": "Podem ter certeza de que, em todos os seus dias ela não estava nem um pouco melhor em seus pecados, estando na verdade pior. Nenhum dos três evangelistas diz isso, mas é tão verdadeiro quanto seria se eles tivessem dito isso com as mesmas palavras" (Whyte, 2021, p. 70). Neste e em outros trechos, o autor busca impor uma autenticidade aos valores que ele propaga. Ao mesmo tempo, há relação de força, uma vez que há marcas no discurso da existência de um (ou alguns) adversário(s), como se observa no capítulo "LXXV. Pedro": "culpe Pedro o quanto quiser, despeje sobre ele as falhas de seu comportamento [...] eu o desafio a negar que, apesar de tudo isso, ele era um homem muito cativante e amável" (Whyte, 2021, p.44); "Se aqueles que sabem do pecado de Pedro quiserem respondê-lo, que façam. Agora, é uma questão pequena para Pedro ser julgado pelos homens" (Whyte, 2021, p.47). Nestes trechos, Whyte demonstra a existência de uma visão oposta à dele, que poderia ser o caso do leitor. Assim, o autor busca reforçar suas ideias ao negar o discurso de um terceiro. Esse tipo de dicotomização é caracterizada por Amossy (2017) como um traço fundamental da polêmica.

Desse modo, para demonstrar o uso da polêmica como um recurso argumentativo em *PB*, utilizaremos a Teoria Semiollingüística de Charaudeau (2019) como principal eixo teórico-metodológico. Ademais, nos apoiaremos em conceitos teóricos da Retórica Clássica e nas considerações de Amossy (2017) sobre o discurso polêmico. Antes, porém, abordaremos o contexto de tradução da obra, para explicar as relações que a doutrina defendida por Alexander Whyte tem com a sociedade brasileira contemporânea.

## 2 A TRADUÇÃO DE PERSONAGENS BÍBLICOS: DA DOCTRINA PROTESTANTE AO (NEO)PENTECOSTALISMO

A tradução de *Personagens Bíblicos* para o português ocorre mais de um século depois da publicação. Não obstante, os valores defendidos nessa obra têm influência em doutrinas religiosas recentes. O autor dessa obra, Alexander Whyte, foi um ministro presbiteriano<sup>5</sup> bastante influente: além do pastado, ele foi membro da União Social de Edimburgo, dedicou-se intensamente à educação, foi professor de literatura do Novo Testamento no New College, de Edimburgo, e escreveu diversos livros relacionados ao estudo bíblico (Kibuuka, 2021). Os valores propagados por esse autor estão presentes em vertentes religiosas mais recentes ligadas ao protestantismo, tais como o pentecostalismo e o neopentecostalismo, de modo que a *polêmica* em *Personagens Bíblicos - Novo Testamento* pode influenciar debates atuais, inclusive aqueles debates que envolvem questões morais.

O protestantismo tradicional defende a salvação como dom gratuito, através da fé, a autoridade da escritura bíblica, sem adicionar outros líderes espirituais, e a individualidade religiosa, que é a liberdade de interpretação das escrituras, sem necessidade de intermédio de outras figuras (Mendonça, 1990). O pentecostalismo adiciona a esses preceitos a ênfase na experiência direta do Espírito Santo. Por fim, o

<sup>5</sup> O presbiterianismo é uma denominação protestante que adere às ideias reformistas de João Calvino (calvinismo).

<sup>6</sup> A noção de "experiência direta com o espírito santo" refere-se à de que o fiel pode ter um contato pessoal e imediato com o Espírito Santo. Essa experiência é frequentemente manifestada por meio de sinais visíveis, como o falar em línguas (glossolalia), profecias, curas e outras manifestações sobrenaturais (Mariano, 2014).

neopentecostalismo adiciona noções como a teologia da prosperidade<sup>7</sup> e práticas de batalha espiritual<sup>8</sup> (Mariano, 2014).

No contexto brasileiro, tais vertentes religiosas pentecostais possuem algumas particularidades, conforme apresenta Mariano (2014): há igrejas que surgem no início do século XX com um viés mais atrelado ao pentecostalismo clássico, como a Assembleia de Deus<sup>9</sup>; há um forte anticatolicismo, ênfase no dom das línguas<sup>10</sup> e na expectativa da volta iminente de Jesus Cristo, que estaria prestes a retornar para julgar o mundo e estabelecer o reino de Deus. A partir dos anos 50, surge uma onda que foi chamada de “deutropentecostalismo”, em que há “o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina” (Mariano, 2014, p. 30), com a igreja do Evangelho Quadrangular. Por fim, a partir dos anos 70 surgiu no Brasil o “neopentecostalismo”, com ênfase adicional na libertação dos demônios; um exemplo é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)<sup>11</sup>.

Desse modo, a influência protestante se mantém e se mescla com novas interpretações dessa doutrina, mas não deixam de existir igrejas que se orientam pelos preceitos tradicionais do protestantismo. Por exemplo, Mariano (2014, p. 38) descreve a igreja Cristo Vive, que “defende a doutrina calvinista da predestinação, opõe-se ao batismo nas águas, à guerra espiritual e à prática de jejum e vigília”. Alexander Whyte, também defensor da doutrina calvinista, posiciona-se contrariamente à “regeneração pelo batismo”: “toda a minha experiência, observação e estudo de todas essas coisas divinas teriam que ser viradas de cabeça para baixo antes que eu pudesse, possivelmente, crer no que é chamado de ‘regeneração pelo batismo’” (Whyte, 2021, p. 36).

Como dito na Introdução, a tradução de *PB* é recente, feita em 2021, de modo que ainda são escassos estudos brasileiros de análise dos efeitos discursivos produzidos por essa obra. Não obstante, existem vários estudos recentes que apontam uma grande presença de discursos religiosos na sociedade, além de ressaltarem a intercessão destes com o discurso político. No Brasil, há um crescimento de igrejas pentecostais e neopentecostais ao longo das últimas décadas, além de uma inserção de líderes religiosos dessas doutrinas na vida política (Mariano, 2014). De acordo com Costa e Silva (2024, p.12):

Na esfera religiosa, os discursos são produzidos com o aparato convencional da irredutibilidade da verdade das escrituras. Visto o contexto brasileiro, no qual a esmagadora maioria é cristã, é de se esperar que esses discursos permeiem todas as instâncias sociais, inclusive a política.

Assim, as ideias apresentadas ao longo dos capítulos de *PB*, a partir de uma estrutura argumentativa, podem influenciar discursos contemporâneos, produzidos na esfera pública, que tenham como base o discurso religioso. De maneira mais específica, a obra escrita por Whyte apresenta potencial de causar *polêmica* em debates recentes que envolvem doutrinas atreladas ao protestantismo. Compreender a construção retórica e argumentativa nessa obra torna mais explícito os mecanismos discursivos utilizados para de influenciar os leitores.

<sup>7</sup> A teologia da prosperidade é uma doutrina comum entre as igrejas neopentecostais que associa a fé em Deus à obtenção de bênçãos materiais e financeiras. Segundo essa teologia, a prosperidade é um sinal de favor divino e pode ser alcançada por meio de práticas como dízimos (Mariano, 2014).

<sup>8</sup> As práticas de batalha espiritual são rituais e crenças voltados para a luta contra forças malignas ou demônios, entendidos como agentes do mal que atuam na vida das pessoas. No contexto pentecostal e neopentecostal, essas práticas incluem orações específicas, jejuns, exorcismos e até campanhas de libertação (Mariano, 2014).

<sup>9</sup> Fundada em Belém, em 1911.

<sup>10</sup> Também conhecido como glossolalia, o “dom das línguas” é a habilidade sobrenatural de falar em línguas desconhecidas ou angelicais, concedida pelo Espírito Santo (Mariano, 2014).

<sup>11</sup> Fundada no Rio de Janeiro, em 1977.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A organização discursiva de Personagens Bíblicos – Novo Testamento assume alguns padrões. A primeira parte do livro, que será o foco de nossa análise, aborda a história de personagens da Bíblia. São 56 capítulos, numerados de “LXX” (70) até “CXXVI” (126), numeração que representa uma continuação dos 69 capítulos de Personagens Bíblicos – Antigo Testamento. Cada uma dessas “biografias” recebe o nome de um personagem da Bíblia e, por vezes, algum complemento, como em “LXXXVI. Herodes aquela raposa”. Em todos os capítulos, Whyte (2021) apresenta marcas subjetivas ao narrar sobre o personagem em questão, uma vez que a história é contada intercalando cenas narradas na Bíblia e cenas imaginadas pelo autor, e sugere algum tipo de lição que deveria ser extraída daquela história, em geral corroborando com princípios da doutrina protestante calvinista, que são adotados na igreja que ele é encarregado, a Igreja Livre da Escócia.

Assim, considerando a grande quantidade de capítulos e a repetição de um padrão através deles, utilizaremos uma metodologia de análise por saturação (Fontanella et al, 2008) para fazer a análise do *corpus*. Os autores definem o método como uma “ferramenta conceitual frequentemente empregada nos relatórios de investigações qualitativas em diferentes áreas no campo da Saúde, entre outras. É usada para estabelecer ou fechar o tamanho final de uma amostra em estudo, interrompendo a captação de novos componentes” (Fontanella et al, 2008, p.17) Nesse sentido, consideramos que a análise retórica e argumentativa da totalidade dos capítulos é, além de exaustiva, desnecessária, já que a tendência e o foco discursivo ao longo da obra se evidenciam rapidamente<sup>12</sup>.

Com efeito, a análise do livro, embora considere o todo, teve como foco exemplos encontrados em sete capítulos: LXXV. Pedro; LXXVII. Mateus; LXXX. A mulher que sangrava; LXXXI. Maria Madalena; LXXXII. A mãe dos filhos de Zebedeu; XCI. Ananias e Safira e CXIII. Paulo polemista. Para a análise semiolinguística, dois desses capítulos foram analisados por completo: o de “Nicodemos” e “Paulo polemista”. O critério para fecharmos a amostra dos capítulos analisados foi a partir da repetição da estrutura discursiva e pela presença de elementos que foram o foco de nossa pesquisa.

Assim, analisamos PB com base na leitura de todos os capítulos, mas focamos a análise em sete exemplos, uma vez que eles demonstram os padrões discursivos e a utilização da polêmica. Ou seja, ao longo da obra, identificamos uma repetição da organização retórica e argumentativa e, a partir disso, selecionamos capítulos em que, de maneira mais explícita, Whyte (2021) utiliza argumentos polêmicos. Nos tópicos seguintes, explicaremos os pressupostos teórico-metodológicos utilizados na análise discursiva, a saber: a retórica e o discurso polêmico (aportes teóricos); e a análise semiolinguística do discurso (aporte teórico- metodológico).

#### 3.1 Retórica

Abordar retórica é uma tarefa complexa, visto que se trata de uma técnica milenar que já foi debatida e explicada em diferentes momentos da sociedade. Barthes (2001, p. 5), diz que: “A retórica [...] é essa metalinguagem (cuja linguagem-objeto foi o 'discurso')

<sup>12</sup> A desnecessária representatividade estatística é um dos motivos pelos quais as amostras qualitativas são menores do que as necessárias nos estudos quantitativos. No entanto, a necessidade de “fechamento” amostral exige do pesquisador a explicitação dos critérios para interromper a seleção de casos novos (Fontanella et al, 2008, p.20).

que reinou no Ocidente do século V a.C até o século XIX d.C". Ainda hoje, as técnicas retóricas influenciam construções discursivas, inclusive os discursos religiosos:

É verdade que grande número de pais da Igreja rejeitam os autores pagãos, como inúteis e perigosos, mas admitem a língua e a retórica dos pagãos [...]. Por quê? Por duas razões. A primeira é que a igreja, em seu papel missionário e em suas polêmicas, não podia prescindir a retórica, muito menos da língua (grega ou latina). Não podia deixar esses meios de persuasão e de comunicação em mãos de adversários [...] A segunda razão é que a Bíblia é profundamente retórica. (Reboul, 2004, p. 77)

A arte retórica clássica é sistematizada por Aristóteles, que a define como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (Aristóteles, 2005, p. 95). Aristóteles viveu no século IV a.C., mas a retórica clássica ainda hoje é debatida e inspira diferentes vertentes de estudos discursivos. Olivier Reboul (2004) observa que no século XX, alguns pesquisadores – por exemplo, Charles Perelman e L.Olbrechts- Tyteca (2005) – propuseram novos sentidos para as categorias clássicas da retórica. Para o autor, é importante observar o elemento comum das diferentes proposições, “ou seja, a articulação dos argumentos e do estilo numa mesma função. Ao dizermos isso, referimo-nos à retórica clássica, que começa com Aristóteles e se prolonga até o século XIX. É a ela que recorreremos para definir a retórica” (Reboul, 2004, p. 8). Neste artigo, abordaremos os conceitos retóricos conforme Reboul (2004) os organiza, em uma proposta de introduzir a retórica.

De acordo com Reboul (2004, p.43), se referindo a retórica clássica aristotélica, “a retórica é decomposta em quatro partes, que representam as quatro fases pelas quais passa quem compõe o discurso”. Explicaremos, então, três dessas quatro partes da retórica: *invenção (heurésis)*, *disposição (táxis)*, *elocução (lexis)*. A quarta parte, chamada de *ação (hypocrisis)* tem como foco a fala (por exemplo, efeitos de voz) e, portanto, não será considerada na análise de PB.

A *invenção*, de acordo com Reboul (2004, p. 44), diz respeito ao tipo de discurso utilizado, “o gênero que convém ao assunto” (Reboul, 2004, p. 44). Na retórica, existem três gêneros discursivos: *judiciário*, *deliberativo* e *epidíctico*. Cada um desses gêneros é caracterizado de acordo com o auditório (tipo de público que visa a influenciar), tempo a que se refere (presente, passado ou futuro), valores que se defendem através de diferentes atos e ao tipo de argumento. No gênero *judiciário*, o auditório é o tribunal (especializado) que deve ser convencido através do que é considerado justo ou injusto, a partir de uma acusação ou defesa de alguém ou algum fato do passado, em que se utiliza um argumento dedutivo. No gênero *deliberativo* (ou político), o auditório é a assembleia (ou senado), representando um público julgado como “menos culto”, e se aconselha ou desaconselha (portanto, se refere ao futuro) quanto ao que é útil ou nocivo, utilizando um argumento indutivo, em que se utiliza um exemplo para “provar” um ponto. Quanto ao *epidíctico*, o auditório é um espectador, de modo que locutor propõe uma admiração do presente, ainda que extraia argumentos passados ou futuros, e visa a tratar de valores nobres ou vis, louvando ou censurando a partir de um argumento de amplificação, ou seja, dando valor e ressaltando a importância de fatos conhecidos pelo público.

A *disposição* na retórica, de acordo com Reboul (2004), diz respeito a um “plano-tipo” utilizado para construir o discurso. Ela é composta por *exórdio*, *narração*, *confirmação* e *peroração*. A presença dessas etapas é variável dependendo do gênero retórico. Ou seja, a *invenção* influencia a *disposição*, uma vez que a escolha de argumentos influencia a organização do discurso. No *exórdio*, o tema é introduzido de

modo a captar a atenção do auditório, estabelecendo uma relação de credibilidade com o público. Já a *narração* é o momento em que o locutor contextualiza a argumentação, apresentando os fatos relacionados ao tema apresentado. Na *confirmação*, o orador apresenta seus argumentos e, por vezes, refuta as possíveis objeções. Por fim, na *peroração* há uma recapitulação dos pontos principais e um apelo emocional ao público, como forma de concluir o discurso.

Quanto a *elocução*, Reboul (2004) observa que se trata do “estilo”, utilizado de uma maneira funcional e útil no discurso. O autor define três tipos de estilo: o nobre, o simples e o ameno, que possuem, respectivamente, as funções de comover, explicar e agradar. De tal modo, para cada um desses estilos há uma forma de persuasão. Respectivamente, tais estilos buscam convencer através do *páthos*, *logos* e *ethos*.

Aristóteles (2005) apresenta os conceitos de *páthos*, *logos* e *ethos* como “tipos de provas” que visam a persuasão. De acordo com o autor “As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (Aristóteles, 2005, p. 96). Nesse sentido, o *páthos* visa atrair a disposição do ouvinte, levando-os a sentir emoção por meio do discurso. O *logos* é utilizado para se convencer através da razão, mostrando o que é verdade ou o que parece ser verdadeiro. Por fim, o *ethos* é a persuasão através do caráter, ou seja, a imagem que o orador passa de si mesmo para deixar a impressão de que é digno de fé.

Ou seja, a técnica retórica se trata de um conjunto de regras que visa a construir um discurso persuasivo. Em *PB* há tais mecanismos de convencimento, uma vez que se trata de um texto estruturado de maneira argumentativa. Em última instância, as conclusões que Whyte apresenta ao longo dos capítulos do livro ressaltam um desacordo, evidenciando o conflito de ideias e afirmando os valores que defende, de modo que a *polêmica* aparece como um recurso recorrente em seu discurso, conforme demonstraremos no tópico 3 desse artigo. Nos tópicos seguintes, situaremos as características do discurso polêmico e da teoria semiolinguística.

### 3.2 A polêmica e a retórica do dissenso

A *polêmica* se origina de um dissenso, no qual, segundo Amossy (2017, p. 51), “as partes implicadas devem trazer suas razões e fazer valê-las refutando as do adversário”. Assim, a criação de um *discurso polêmico*, por exemplo, objetiva a defesa de uma determinada tese em relação a outra(s), com um foco específico em atacar o adversário ou a tese adversária. O foco nessa dicotomia é um dos aspectos que traz particularidade à *polêmica* e é um movimento que pode ser instrumentalizado como uma estratégia discursiva. É nesse sentido que a autora afirma que “não é, portanto, a dessemelhança, mas a similaridade da *polêmica* da argumentação que choca quando as colocamos em paralelo” (Amossy, 2017, p. 50). Não obstante, Amossy (2017) pontua que essa avaliação da *polêmica*, enquanto uma “modalidade argumentativa”, varia entre as teorias argumentativas. A autora cita o exemplo da retórica: “A nova retórica não se interessa pelo raciocínio que se desenvolveria de modo autônomo na mente de um sujeito pensante, mas pelo raciocínio verbal em uma situação de comunicação que visa ao acordo” (Amossy, 2017, p. 21). E, de fato, Perelman e Tyteca (2005, p. 2), ao propor uma nova retórica em seu “tratado da argumentação”, iniciam a obra dizendo que “uma ciência racional não pode contentar-se com opiniões mais ou menos verossímeis, mas

elabora um sistema de proposições necessárias, que se impõe a todos os seres racionais e sobre as quais o acordo é inevitável". Nessa concepção, de acordo com Amossy (2017, p. 22) "o *dissenso* deve ser superado a todo custo, sob pena de falhar aos critérios da razão e de fazer a comunidade afundar na discórdia".

O *dissenso* tem, de acordo com Amossy (2017), recebido atenção de diferentes campos teóricos. A autora cita a cientista política "Chantal Mouffe", que critica a tendência em enaltecer o consenso, ao revalorizar a importância do *dissenso* para a democracia. Nesse cenário, "encontramos, de um lado, a fidelidade a uma retórica ancorada no valor do acordo e, do outro lado, a exploração de uma retórica do *dissenso*, em que cada um se mantém nas suas próprias posições" (Amossy, 2017, p. 39).

Ou seja, há um entendimento de que a retórica, com sua finalidade persuasiva, nem sempre vai se orientar para um consenso, sendo a divergência de posições algo que caracteriza determinados tipos de discurso. Por um lado, Perelman e Tyteca (2005) sugerem que a retórica deve ser pautada em critérios racionais que se encaminhem para um acordo. Amossy (2017), por outro lado, chama a atenção para uma retórica do *dissenso*, uma vez que em uma sociedade democrática o conflito de ideias é constante.

Desse modo, Amossy (2017) propõe que o conflito é inevitável em nossas democracias pluralistas. Porém, a interação *polêmica* não se resume a uma relação conflituosa e de discordância, visto que envolve uma tentativa de convencimento. Ou seja, de acordo com Amossy (2017) tal interação é bem argumentada. Se trata de uma oposição de discurso sobre um assunto relevante para a população: "um debate em torno de uma questão da atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura (Amossy, 2017, p. 49). Com efeito, a autora propõe alguns traços distintivos dessa modalidade argumentativa: "eles consistem numa ancoragem conflitual, que se traduz pela dicotomização, pela polarização e pela desqualificação do outro – e, apenas de forma secundária, pela violência verbal e pelo *páthos*" (Amossy, 2017, p. 52).

### 3.3 Análise semiolinguística e os modos de organização do discurso

Para fazer a análise discursiva de *PB*, utilizaremos a teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau (2019). De acordo com essa teoria, o discurso corresponde a um ato de linguagem em que os participantes são vistos como seres psicológicos e sociais. Ou seja, há uma dupla identidade: um ser real e externo e outro fabricado dentro do discurso. Desse modo, os interlocutores estão submetidos a um contrato comunicacional, em que os envolvidos assumem um papel linguageiro. Nesse sentido, o discurso se constrói a partir de condições sociais, comunicativas e simbólicas em que os sujeitos estão inseridos.

Não obstante, se por um lado cada discurso é submetido a um contrato comunicacional, por outro, os sujeitos dispõem de estratégias discursivas, que consistem em escolhas feitas na encenação discursiva. Isso porque o sujeito negocia sentidos com seu interlocutor, a depender de seus objetivos e dos recursos linguísticos e simbólicos disponíveis. Ou seja, o sujeito do discurso possui uma intencionalidade e age sobre o outro para produzir efeitos de sentido.

De acordo com Charaudeau (2019), o sujeito, ao agir sobre outro através do discurso, pode utilizar determinados *modos de organização do discurso*. Charaudeau (2019, p. 74) define esses modos como "procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas

do ato de comunicação". Charaudeau (2019) nomeia quatro modos de organizar o discurso: *enunciativo*, *descritivo*, *narrativo* e *argumentativo*.

O modo *enunciativo* está relacionado à maneira como o sujeito se porta na encenação do ato de comunicação. Ou seja, são os protagonistas do ambiente interno da linguagem. Assim, todo ato de linguagem é composto por um ponto de vista enunciativa, visto que leva em conta a posição que um sujeito falante ocupa em relação a determinado interlocutor.

Charaudeau (2019) apresenta três funções para o modo *enunciativo*. A primeira é o comportamento alocutivo, em que há uma relação de influência com o interlocutor, por exemplo através de Interpelação e sugestão. O segundo comportamento é o elocutivo, que se refere ao ponto de vista do locutor: se trata de uma relação consigo mesmo (p. ex. opinião, apreciação). Por fim, o terceiro é o comportamento delocutivo, que diz respeito à relação com um terceiro, apagando o ponto de vista (p. ex. asserção, discurso relatado).

Como o modo *enunciativo* define o posicionamento dos participantes em toda encenação discursiva, é uma classificação que pode ser feita previamente aos outros modos de organização do discurso. Quanto aos outros modos, observamos em *PB* uma predominância do *argumentativo*. Nesse sentido, ainda que Whyte (2021) utilize procedimentos de descrição (identificando e qualificando seres) e de narração (organizando o mundo em uma sequência de ações), o propósito final é o de persuadir, de levar o interlocutor a partilhar do seu ponto de vista. Em todas os capítulos de *PB*, Whyte (Ano) utiliza a imaginação para contar uma versão própria da história dos personagens, de modo que a sua interpretação da Bíblia corrobora com a mensagem que ele defende, conforme será demonstrado no exemplo do tópico 4 *Argumentação e polêmica no capítulo "LXXIV Nicodemos"*. Charaudeau (2019) ressalta que é possível utilizar procedimentos característicos de outros modos de organização do discurso em uma argumentação, como forma de reforçar uma tese. Assim, focaremos nessa análise argumentativa.

Para que haja argumentação, Charaudeau (2019, p. 205) afirma que é necessário que exista: "uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento", "um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção)" e "um outro sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se no alvo da argumentação". Quanto à organização, deve haver pelo menos três momentos em uma argumentação: uma asserção de partida (A1), que "representa um dado de partida destinado a fazer admitir uma outra asserção à qual ela se justifica" (Charaudeau, 2019, p. 209); uma asserção de chegada (A2), que conclui o que deve ser aceito em relação a asserção de partida; e uma, ou várias, asserção de passagem, que se refere a justificativa da relação entre A1 e A2, que pode ser chamada de prova, inferência ou argumento.

Assim, a teoria semiolinguística fornece categorias objetivas para a análise discursiva. Pretendemos, inicialmente, avaliar a construção de um discurso retórico na obra, a partir de exemplos retirados de diferentes capítulos. Depois, finalizaremos nossa análise articulando essas percepções retóricas com a análise semiolinguística de dois capítulos específicos.

#### 4 A POLÊMICA EM PERSONAGENS BÍBLICOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A RETÓRICA E A ARGUMENTAÇÃO SEMIOLINGUÍSTICA

A teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau (2019) é o principal eixo-teórico dessa pesquisa. Não obstante, vamos analisar aspectos da retórica e do discurso polêmico previamente, articulando tais percepções de discurso para obter uma visão mais ampla da estrutura discursiva da obra. Como ressaltado no tópico *Retórica*, a organização de *PB* apresenta características de base retórica. Dessa maneira, analisamos a seguir como a *invenção*, *disposição* e *elocução* – partes da Retórica apresentadas por Reboul (2004) com base na Retórica de Aristóteles (2005) – são encontradas em *PB*.

Primeiro, quanto à *invenção*, investigaremos o gênero de discurso retórico predominante na obra. Por um lado, Whyte (2021) cita passagens da bíblia e acontecimentos na vida de personagens bíblicos já, possivelmente, conhecidos pelo público religioso, para reforçar tais histórias. Contudo, no *corpus* é predominante a utilização de narrações focadas nas interpretações pessoais do autor sobre como os eventos teriam acontecido. Há momentos em que ele chega a questionar a maneira que a história é contada na bíblia. É o que acontece no capítulo “LXXXII. A mãe dos filhos de Zebedeu”, em que o autor reinterpreta os acontecimentos a sua maneira: “Eu não sei ao certo o porquê o Evangelista escrever dessa forma ambígua e intencionalmente obscura, mas eu lhes direi o que penso sobre isso” (Whyte, 2021, p. 83); este trecho é seguido por uma interpretação subjetiva da história dos personagens, em que o autor sugere que João havia “implorado” à sua mãe um melhor trono para ele e seu irmão, mesmo que na Bíblia isso não tenha sido descrito:

João não havia esquecido do pecado, das faltas e das tolices de sua juventude. E sobretudo, ele nunca esquecerá daquele desgraçado dia no qual fizera sua mãe implorar o melhor trono para ele e seu irmão. Embora tivesse passado a muito tempo, aquele desgraçado dia estava sempre diante de João. E em virtude disso, penso eu, é que Matheus escreve sobre ele dessa forma cheia de rodeios. (Whyte, 2021, p. 83)

Na tradução de *PB*, os autores classificaram os capítulos da obra como “biografias”. Tal termo pode ser utilizado para textos que apresentam uma “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem [...] em ordem cronológica ou não, pautada em critérios de verdade ou, para o caso de personagens, de verossimilhança” (Costa, 2008, p. 45-46; 51). Porém, como observado, Whyte (2021) utiliza a imaginação para recriar cenas e até o sentimento dos personagens. É nesse sentido que concluímos que:

em *Personagens Bíblicos*, do ponto de vista da análise semiolinguística do discurso, observamos problemas em utilizar o termo “biografia”. Primeiramente, porque a narração dos personagens bíblicos apresenta marcas de subjetivismo, o que dificulta a percepção de verdade/verossimilhança: o autor utiliza amplamente a imaginação para recontar a história da Bíblia. Em segundo lugar, há um foco argumentativo, em prol de ideias doutrinárias, que sobrepõe o propósito de “apenas” narrar a história dos personagens. (Rivelli; Vale, 2024, p. 8)

As narrações com marcas subjetivas apresentadas por Whyte (2021) são utilizadas como um recurso argumentativo. Frequentemente, as adições imaginadas pelo autor acrescentam, do ponto de vista da *elocução* retórica, um estilo de *páthos* para o seu discurso, comovendo o leitor antes de defender sua tese. É o que ocorre, por exemplo, no capítulo “XCI. Ananias e Safira”. Whyte (2021) narra a história dos personagens da seguinte forma:

Mas Pedro foi um Sansão perfeito em Israel naquele dia. Ele era um ministro de imensa capacidade, energia gigantesca, recursos infinitos e autoridade avassaladora. E assim foi que coube a Pedro sentar-se contra o tesouro e fazer as contribuições pentecostais naquele dia. E isso atingiu Ananias como um raio, quando Pedro, em vez de sorrir para ele e elogiá-lo, o denunciou e sentenciou com tanta severidade. "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade?" (At 5.3). E os jovens se levantaram, e o feriram, e o levaram para fora e sepultaram. E então, três horas depois, quando Pedro estava fechando os livros para ir dispensar a Ceia do Senhor, naquele momento Safira apareceu. "Você vendeu sua fazenda por tanto, seu marido me disse?". "Sim, meu senhor, por tanto". E os jovens entraram e a encontraram morta. (Whyte, 2021, p. 144)

A cena descrita por Whyte (2021) é uma reinterpretação, visto que há diálogos não referenciados e que, na Bíblia<sup>13</sup>, não é descrito o motivo da morte desses personagens. Essa adição de detalhes traz mais camadas à história, de modo que ela funciona como argumento para que posteriormente o autor falasse de sua própria igreja: "E agora, vamos nos voltar para nós mesmos. Como todos vocês sabem, temos uma instituição em plena operação na igreja Livre da Escócia que é baseada, construída e trabalhada exatamente nos princípios Pentecostais e de Barnabé" (Whyte, 2021, p. 147). A história de Ananias e Safira é, então, utilizada como um exemplo para a defesa de uma maneira particular de ver o dízimo, conforme Whyte (2021) defende para sua igreja, enfatizando a relação com a prosperidade. Ele argumenta que o Senhor "prometeu que quando O provarmos com nossos dízimos, todo tipo de prosperidade seguirá nossa prática dessa regra e padrão bíblico" (Whyte, 2021, p. 147-148), e desenvolve:

o dízimo, a décima parte, preenche toda a literatura clássica, bem como toda a Sagrada Escritura. E ainda, com tudo isso diante de nossos olhos, tão claro quanto pode ser, aqui estamos nós, a esta hora do dia, tropeçando e contando mentiras, muitos de nós como Ananias e Safira, sem qualquer método, princípio ou regra em nossas ofertas, não mais do que a Escritura nunca tivesse falado sobre este assunto ou como se uma regra de amor e bom senso nunca tivesse sido estabelecida. Até que acordemos e tomemos de forma patriarcal, mosaica, profética, apostólica e até pagã de tributar a nossa renda e reservemos uma parte definitiva e liberal dela para a igreja e a caridade, nunca precisaremos esperar herdar as promessas. (Whyte, 2021, p. 148)

Desse modo, Whyte (2021) contesta uma determinada forma de interpretação do dízimo, possivelmente aplicada em outras igrejas, para afirmar a maneira que ele defende que deve ser tal tributação, em uma lógica condicional em que "se" os fiéis pagarem o dízimo do modo especificado, "então" é possível herdar as promessas. A partir das análises apresentadas, concluímos que a estrutura discursiva que Whyte (2021) desenvolve se relaciona, predominantemente, ao gênero judiciário. Em cada capítulo, o autor está acusando/defendendo determinado personagem ou ideia, de acordo com valores que considera justos/injustos. Desse modo, ele apresenta um posicionamento e busca modificar a crença dos leitores.

Quanto à *disposição* retórica, Whyte (2021), em um momento inicial, aproxima-se emocionalmente dos leitores através de dogmas cristãos mais gerais ou de histórias de sua própria vida, etapa que corresponde ao "exórdio". Então, ele utiliza a "narração" para apresentar os acontecimentos a que está se referindo. Na etapa de "confirmação", o autor apresenta seus argumentos, contestando valores diversos aos que defende. Por fim, na "peroração" o autor recapitula as ideias defendidas.

<sup>13</sup> Na Bíblia, apenas é narrada a morte dos personagens, sem descrever o motivo: "O terreno não era seu, antes de você vendê-lo? E depois que você o vendeu, não tinha a liberdade de fazer o que quisesse com o dinheiro? Por que decidiu fazer isso? Você não mentiu para os homens, mas sim para Deus! Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu morto, e todos os que souberam dessas coisas ficaram com muito medo." (Bíblia, Atos, 5, 4-5).

Do ponto de vista da *elocução*, vamos considerar como exemplo o capítulo “LXXX. A mulher que sangrava”. Conforme observamos no tópico *1 Introdução*, Whyte (2021) considera que a sua própria interpretação da Bíblia deve ser aceita tanto quanto a narração dos evangelistas. Ele diz que “a mulher que sangra” não estava melhor em seus pecados, e que “Nenhum dos três evangelistas diz isso, mas é tão verdadeiro quanto seria se eles tivessem dito isso com as mesmas palavras” (Whyte, 2021, p. 70). Ou seja, o autor utiliza um *ethos* de autoridade religiosa para convencer os leitores do valor de verdade que suas interpretações da Bíblia teriam. Quanto ao *pathos*, em diversos momentos Whyte (2021) se aproxima emocionalmente dos leitores ao contar histórias de sua própria vida. Desse modo, ele inicia o capítulo da “mulher que sangra” fazendo uma correlação da história dessa personagem com a história dele próprio, conectando-se aos leitores através do sentimento de dor descrito:

Ela havia tentado de tudo para curar sua doença mortal. Não havia um médico, nem perto nem longe, com quem ela não tivesse se consultado para se curar. Ela havia gastado todos os seus proventos com médicos, até que, naquele dia, ela se deparava com o absoluto desespero. E eu também. Eu não estou morto, mas frequentemente desejei estar. Pois durante toda a minha vida, adoeci a ponto de estar à beira da morte (Whyte, 2021, p. 69)

Por fim, quanto ao *logos*, Whyte (2021) explica com clareza as ideias que defende. Próximo ao final desse capítulo (LXXX. A mulher que sangrava), Whyte (2021, p. 71) apresenta, de maneira evidente, a lição que deseja ensinar. Ele inicia com a pergunta: “Agora, vocês já pensaram qual é o motivo pelo qual, quando nosso Senhor curou completamente o corpo doente daquela mulher, Ele não curou, imediatamente e da mesma forma, sua alma doentia?”. A seguir, o próprio autor busca solucionar a questão apresentando várias alternativas, mas selecionando uma única que deve ser aceita:

Foi porque ela não estava doente pelo pecado? Ou era porque ela não havia aprendido, em todos esses doze anos, a suplicar pelo seu próprio coração? Ou porque, naquele momento, Ele ainda não estava neste mundo com uma salvação completa. Ou era (e é) pelo fato do pecado ser um tão grande mistério da inquietude que eram necessárias não apenas a sua primeira e segunda vindas para curar nossas almas do pecado, mas também muito tempo, muito trabalho, grandes dores, enorme fé e muita oração da nossa parte também, para que seu Divino Poder pudesse performar e realizar uma cura perfeita? Sim, é isso. Tenham certeza de que é” (Whyte, 2021, p. 71)

Neste trecho, se observa também uma prática característica do discurso religioso, que se trata de apontar aquilo que seria um “erro”, do ponto de vista da religião, para evidenciar o que se pretende defender como “correto”. Segundo Eni Orlandi (1987), há, no discurso religioso, uma dissimetria pressuposta entre os planos temporal e espiritual, que se realiza pelo mecanismo gramatical da negação, em que “o ouvinte (o homem) acumula os valores negativos e, entre eles, o de que o homem nasceu com o pecado, e o pecado é o não a Deus” (Orlandi, 1987, p. 157-258). Assim, de acordo com a autora existe uma “retórica da denegação”, em que “o discurso religioso, para afirmar o positivo, deve negar o negativo” (Orlandi, 1987, p. 257-258). No contexto de *PB*, o autor utiliza esse mecanismo para se colocar como portador da mensagem de Deus, enfatizando um *ethos* de autoridade religiosa e sugerindo que, portanto, estaria apontando o caminho certo.

A partir da semiolinguística, é possível complementar a análise do discurso em *PB*. Iniciaremos avaliando as categorias do modo *enunciativo* na obra. Há utilização de uma enunciação delocutiva para narrar a história das personagens, que se concentra principalmente na primeira metade de cada capítulo. Porém, não há, de fato, um apagamento do ponto de vista. De acordo com Charaudeau (2019, p. 100), sobre o

delocutivo, “A Modalidade de 'asserção' se desdobra em diversos tipos ('Evidência', 'probabilidade', etc.) que correspondem, ponto por ponto, à maior parte das modalidades do ELOCUTIVO”. Nesse sentido, a imaginação das cenas, descrita anteriormente, corresponde à modalidade de “opinião” do elocutivo. Da metade para o final de cada capítulo, Whyte tende a intercalar entre o elocutivo, apresentando seu posicionamento, e alocutivo, interpelando e interrogando o interlocutor, conforme é feito nesse trecho:

Vocês certamente sabem o que o orgulho é, e vocês todos devem saber, talvez ainda melhor, o que é a inveja, e diante de quais pagamentos, louvores, sucessos e posições seus corações se paralisam, se estrangulam e ficam atormentados. Vocês não sabem e confessam todas essas coisas diante de vocês mesmos e de Deus todos os dias? Vocês não fazem isso? Oh alma, completamente morta! Oh, divertimento de Satã! Oh, você quem faz de Deus um mentiroso, e que não tem a verdade consigo! (Whyte, 2021, p. 77, 78)

Para compreender de modo mais concreto a composição dessas “biografias”, e o viés polêmico da argumentação em *PB*, faremos a análise de dois capítulos a partir do modo *argumentativo* da teoria semiolinguística. Seleccionamos, primeiro, aquele em que Whyte fala sobre “Nicodemos”, uma vez que o autor se posiciona incisivamente sobre o tema do batismo, que é controverso em diferentes vertentes do cristianismo. Ademais, analisamos o capítulo intitulado “Paulo polemista”, visto que neste capítulo o autor descreve a percepção pessoal que tem da *polêmica*, de modo que nos ajuda a compreender a motivação em utilizá-la na obra. Assim, é possível elucidar a maneira que a *polêmica* é utilizada, estrategicamente, na argumentação em *PB*.

## 5 ARGUMENTAÇÃO E POLÊMICA NO CAPÍTULO “LXXIV NICODEMOS”

Conforme analisamos anteriormente, os capítulos de *PB*, em geral, iniciam-se com uma narração, com marcas subjetivas, da história de personagens bíblicos. Do ponto de vista argumentativo, esse é um procedimento de descrição narrativa, no qual, de acordo com Charaudeau (2019, p. 239), “é descrito um fato, ou contada uma história, para reforçar uma prova ou para produzi-la”. O teor subjetivo da narração é explicitado por Whyte no início do capítulo, visto que antes de narrar os acontecimentos ele diz: “Tenho certeza de que não era a primeira vez que Jesus de Nazaré e Nicodemos de Jerusalém se encontravam [...] O encontro deve ter acontecido da seguinte forma” (Whyte, 2021, p. 35). Assim se inicia o capítulo de Nicodemos, de modo que Whyte narra e faz sugestões quanto ao estado emocional desse personagem:

Desde quando vira a cena de Jesus de Nazaré ser batizado por João emergindo das águas, Nicodemos não havia dormido uma noite sequer, tampouco passado um só dia sem remorso e medo; para Nicodemos, naquela noite Jesus era... Nicodemos vacilava e ficava paralisado. (Whyte, 2021, p. 36)

Da forma como Whyte apresenta, ele sugere uma grande tensão do personagem em não ter sido batizado. A ênfase nesse assunto corresponde a uma “asserção de passagem”. A proposição que será debatida ao longo do capítulo – a “asserção de partida” – é apresentada em seguida:

Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (Jó 3.5). Para mim, essa é a mais extraordinária e impossível alucinação. Toda a minha mente, imaginação, coração e consciência teriam que ser demolidos e reconstruídos novamente com uma estrutura completamente nova; toda a minha experiência, observação e estudo de todas essas coisas divinas teriam que ser viradas de cabeça para baixo antes que eu pudesse, possivelmente crer no que é chamado de ‘regeneração pelo batismo’. (Whyte, 2021, p. 36)

Ou seja, Whyte cita a passagem bíblica para refutá-la. O autor complementa tal proposição se dirigindo ao leitor através de um procedimento discursivo da encenação argumentativa<sup>14</sup> de falsa tautologia. De acordo com Charaudeau (2019, p. 241): "esse procedimento é, de alguma forma, uma recusa em argumentar, pois o que se faz, no caso, é impor uma evidência ou uma autenticidade que tem valor de verdade". É o que se observa no seguinte trecho, em que ele segue negando a "regeneração pelo batismo": "Não! creiam em mim, não existe esse tipo de coisa" (Whyte, 2021, p. 36). Em outra asserção de passagem, Whyte reforça a certeza que tem em relação a sua tese, de modo que ele imagina o que teria acontecido caso Nicodemos tivesse se batizado:

E, se Nicodemos tivesse apenas sido corajoso o suficiente, se tivesse apenas tido a bravura necessária para uma boa causa, tivesse ele apenas entrado nas águas do Jordão ao lado de Jesus de Nazaré, ele seria até agora contado ao lado de Pedro, Tiago e João como um dos apóstolos do Cristo. E teríamos uma epístola de Nicodemos aos Fariseus, e nela estaria a saída para toda essa conversação sobre como é impossível qualquer homem pregar a regeneração a partir da água. (Whyte, 2021, p. 36-37)

A suposição de Whyte é construída a partir de um procedimento da lógica argumentativa<sup>15</sup> chamado de dedução por cálculo, que, de acordo como Charaudeau (2019, p. 214) "se baseia no modo de encadeamento Consequência implicativa (Se... então), com asserções da ordem da Qualificação, da Narração, ou da Posse, o vínculo modal pertence ao eixo do *Possível* (probabilidade), e tem o escopo de uma *Hipótese*". Assim, o autor utiliza um procedimento argumentativo lógico para construir uma hipótese que reforça o posicionamento que ele defende. Desse modo, considerando o *ethos* de autoridade religiosa de Whyte, o que é suposto por ele aparenta ser confiável e reforça seu argumento. Em seguida, como asserção de chegada, Whyte apresenta um valor característico do protestantismo como forma alternativa para a salvação, que seria a salvação como um dom gratuito de Deus, através da fé em Jesus Cristo:

Certamente não é o bastante para custar, no fim, a perda de sua alma pensar primeiro nas suas perspectivas de vida e em como você permanecerá com esse e aquele grande homem, segundo a forma como você lança sua sorte nesse partido no estado, ou junto daquela denominação da igreja. Todo mundo faz isso. E quem, além de João, denunciaria tão feroz e desdenhosamente essas secretas afeições, com as que existem em você? Mas então, se João e Jesus denunciassem, desprezassem e lhe negassem, de que proveito seria para você ganhar tudo o que há nesse mundo? Felizmente, existe uma segunda lição extraída de Nicodemos, retirada de sua subsequente história, que é: ainda que você tenha sido um covarde e um amigo sombrio, se Deus, na Sua bondade, lhe fizer outra oferta e der outra oportunidade, aproveite a deixa. Jesus Cristo ainda está em meio aos Seus inimigos de muitas formas. Reconheça e conheça Jesus Cristo, e defenda-O. (Whyte, 2021, p. 40)

Desse modo, Whyte sustenta a defesa da crença de que não existe "regeneração pelo batismo" em sua autoridade religiosa e em procedimentos de narração que são complementados com a imaginação. Aí reside o caráter polêmico de seu discurso, uma vez que se sustenta a partir de um conflito, de uma dicotomia, em que ou se crê na existência de regeneração pelo batismo ou não. Para Whyte, essa crença não é negociável e ele pretende que tal valor seja aceito por seus leitores, ao apresentá-lo como uma "lição" a ser seguida.

<sup>14</sup> A argumentação, para além de uma lógica argumentativa, possui uma razão persuasiva. Nesse sentido, a encenação argumentativa consiste na utilização de procedimentos que buscam validar uma argumentação. Dentre tais procedimentos, estão os discursivos, que utilizam categorias da língua ou procedimentos de outros Modos de organização do discurso para produzir efeitos persuasivos. (Charaudeau, 2019).

<sup>15</sup> Os procedimentos da lógica argumentativa combinam-se em modos de raciocínio que organizam tal lógica em uma razão demonstrativa. Os modos de raciocínio, por sua vez, se juntam a componentes da encenação argumentativa (Charaudeau, 2019).

O discurso construído nesse capítulo não se dirige a um acordo, mas sim, na afirmação de um desacordo entre posicionamentos de diferentes doutrinas religiosas. Nesse caso, Whyte não propõe solucionar o conflito que constitui essa relação *polêmica* a partir de uma relação de negociação. De acordo com Charaudeau (2016), essa seria uma das formas de regular um conflito, em que “as duas partes são fortes e dispõem, cada uma, de meios de submeter a outra. Produz-se, então, um jogo de influência recíproca no qual cada um procura sair-se bem”. De modo diferente, Whyte se distancia dessa posição de igualdade, pois assume o papel de uma autoridade que guia a maneira que se deve interpretar a Bíblia.

## 6 UMA AVALIAÇÃO DA POLÊMICA FEITA POR ALEXANDER WHYTE EM “CXIII. PAULO POLEMISTA”

Para compreender melhor a maneira que Alexander Whyte utiliza a *polêmica* em *PB*, podemos considerar o que esse próprio autor fala sobre esse tema, no capítulo “CXIII. Paulo polemista”. O autor inicia com uma postura crítica às controvérsias de Paulo, a partir da seguinte descrição narrativa: “Para Paulo, do início ao fim de seu apostolado, simplesmente mergulhou em um redemoinho perfeito de todos os tipos de contendas e controvérsias [...] É o nosso amor-próprio incurável que é a raiz amarga de todas as nossas controvérsias” (Whyte, 2021, p. 287). O modo que o autor desenvolve a descrição, a seguir, segue um modo de raciocínio, dentro da lógica argumentativa, que Charaudeau (2019, p. 218) define como “concessão restritiva”, em que “Aceita-se a asserção de partida, mas contesta-se que ela possa levar à conclusão proposta ou subentendida”. Embora Paulo seja criticado, logo em seguida é defendido:

nossa ganância e nosso orgulho, intolerância e desprezo por todos os outros homens a única causa de todas as nossas contendas e controvérsias. Agora olhem para Paulo. Vocês não podem ler as Epístolas de Paulo sem serem constantemente cativados pela genialidade extraordinária, cortesia, humildade, simplicidade e bondade amorosa dele. (Whyte, 2021, p. 287)

O raciocínio de concessão restritiva compõe não só esse momento inicial, mas se estende à organização do capítulo. Como asserção de partida, Whyte faz um julgamento negativo das controvérsias e das *polêmicas*. Porém, próximo ao final, ele utiliza a descrição narrativa para falar de um acontecimento que serve de argumento a uma conclusão alternativa. Ele descreve a seguinte situação:

O melhor jornal político e literário já publicado neste país por muitos anos considerou um estadista da última geração como um modelo de todos os públicos, virtudes e graça pessoal. Tudo o que era nobre, tudo o que era grandioso e imponente, tudo o que era verdadeiramente cristão estava reunido naquele pastor da Coroa. Mas uma crise veio quando aquele estadista até então incomparável viu ser seu dever tomar um determinado passo da vida pública. E, naquele dia fatal, nada que ele disse ou fez estava certo. Tudo nele, e tudo em sua festa, era tão ruim quanto poderia ser. Todos falaram contra ele no parlamento. (Whyte, 2021, p. 292)

Diante dessa narração, Whyte conclui em asserção de chegada:

todos vocês que veriam preconceito e parcialidade, leiam o que está escrito a seguir. Falando sobre todo esse assunto por mim mesmo, tenho uma grande dívida para com os regentes daquele diário, e para Butler e para Bengel. Para Butler todos os dias por este ótimo dizer seu: “Vamos nos lembrar de que diferimos tanto dos outros homens quanto eles diferem de nós”. E a Bengel por isto – *non sine scientia, necessitate, amore*: não entre em controvérsia sem conhecimento, nem sem necessidade, nem sem amor. (Whyte, 2021, p. 292)

Desse modo, embora haja, inicialmente, uma crítica sobre “entrar em controvérsia”, ou em *polêmica*, Whyte sugere que se deve, ou se possa, polemizar caso haja conhecimento, necessidade ou amor. É com essa justificativa que ele instrumentaliza a *polêmica* em seu discurso, justamente por considerar que tenha tais requisitos, como ele sugere em trecho supracitado da história de Nicodemos:

Toda a minha mente, imaginação, coração e consciência teriam que ser demolidos e reconstruídos novamente com uma estrutura completamente nova; toda a minha experiência, observação e estudo de todas essas coisas divinas teriam que ser viradas de cabeça para baixo antes que eu pudesse, possivelmente crer no que é chamado de “regeneração pelo batismo” (Whyte, 2021, p. 36).

Assim, a avaliação que Whyte apresenta sobre a *polêmica* elucida a sua opção em utilizá-la em sua escrita. Ele considera ser alguém que tem o conhecimento, o amor e a necessidade para tomar partido nesses temas controversos. Não obstante, conforme analisado, os termos em que essa *polêmica* se desenvolve o distanciam de uma relação de igualdade com o seu leitor: ele possuiria tais requisitos, mas quanto ao leitor, não necessariamente. Desse modo, a aceitação desses valores pelo interlocutor depende da aceitação dessa autoridade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, explicitamos o modo como Alexander Whyte, ao escrever *Personagens Bíblico – Novo Testamento*, constrói para si um papel de guia religioso na interpretação de passagens Bíblicas. Para isso, ele enfatiza o conhecimento e o estudo que tem sobre a Bíblia, de modo que, por vezes, até contesta a maneira como ela é escrita em algumas passagens. Ademais, ele utiliza estrategicamente a *polêmica* para defender e reforçar os seus valores – atrelados a doutrina protestante –, uma vez que afirma suas ideias refutando determinados “alvos”.

Do ponto de vista da retórica, Whyte utiliza o gênero “judiciário” para julgar ou defender os personagens, além de julgar ou defender valores específicos. Ele estabelece dicotomias para evidenciar o desacordo e propõe que a interpretação feita por ele, diferente de outras, tem valor de “verdade”. Não se trata, então, de uma retórica ancorada no valor no acordo, mas sim de uma “retórica do dissenso”. Ou seja, ele reconhece a existência de um pensamento diverso, mas não cede a ele. De maneira diferente, o pensamento do “outro” é citado apenas para ser refutado.

Do ponto de vista argumentativo, o principal procedimento utilizado é a descrição narrativa, para contar a história dos personagens. No entanto, se intercala citações de passagens Bíblicas com uma narração, com marcas subjetivas, do que teria acontecido, de modo que aquilo que é “imaginação” adquire uma aparência objetiva, uma vez que em alguns trechos é difícil distinguir o que é citação indireta e o que é interpretação livre do Alexander Whyte. Além disso, os sentimentos e acontecimentos sugeridos sobre os personagens estão alinhados a tese que o autor defende ao longo dos capítulos. Desse modo, o propósito de contar a história dos personagens ocorre em função da defesa dos valores pessoais de Whyte e a “validade” de suas narrações e desses valores é sustentada a partir de um *ethos* de autoridade religiosa que ele constrói.

Os conflitos que aparecem em *Personagens Bíblicos*, embora a obra tenha sido escrita no século XIX, têm implicações até os dias de hoje, em que o protestantismo defendido por Whyte ainda serve de base para diferentes vertentes religiosas. Nesse

sentido, o estudo desse livro tem o potencial de ajudar a desvelar a maneira como a *polêmica* pode ser instrumentalizada no discurso doutrinário religioso, o que nos leva a refletir sobre o papel da divergência na sociedade democrática. Contudo, é necessário um exame crítico quando essa divergência se torna um instrumento de dominação ideológica.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BARTHES, R. A retórica antiga. In: BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3-100.

BÍBLIA SAGRADA. 62. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1988.

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: os modos de organização do discurso. São Paulo: Contexto, 2019.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. São Paulo: Autêntica, 2008. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: out. 2024.

COSTA, S. S.; SILVA, F. V. Cristofobia, ressentimento religioso e discurso político no X. **Diálogo das Letras**, v. 13, p. e02403, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22297/2316-17952024v13e02403>. Acesso em: out. 2024.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, n.1, p. 17-27, jan, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003c>. Acesso em: out. 2024.

KIBUUKA, B. Alexander Whyte: uma vida dedicada ao estudo da Bíblia, à pregação do evangelho e à educação. In: WHYTE, A. **Personagens bíblicos**: antigo testamento. Vol. 2. Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021. p. 11-15.

MAINGUENEAU, D. Ethos. In: CHARAUDEU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 220.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MENDONÇA, A. G. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

ORLANDI, E. **O discurso religioso**. In: ORLANDI, E. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas: Câmara Brasileira do Livro, 1987. p. 239-262.

PERELMAN, C; TYTECA, L. O. O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIVELLI, J. V. F; VALE, R.P.G. O uso da descrição narrativa na argumentação doutrinária religiosa: a questão da "biografia" em personagens Bíblicos-Novo Testamento, de Alexander White. **Revista Escritas**, v. 16, n. 1, p. 07–23, 2024. DOI: <https://doi.org/10.70860/vol16n1pp07-23>. Acesso em: jan. 2025

WHYTE, A. **Personagens bíblicos**: novo testamento. Vol. 2. Londrina: Livraria Cristã/Penkall, 2021.

---

### Declaração de contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram com a produção do artigo. Todos eles participaram do levantamento de dados e colaboraram na redação e revisão do artigo. Especificamente, o primeiro autor contribuiu na redação de todas as seções do artigo e na revisão da redação do artigo; o segundo autor contribuiu na orientação e revisão da redação do artigo.

### Declaração de uso de IA

Não foi utilizada Inteligência Artificial na escrita deste artigo.

### Agradecimentos

Agradecemos à FAPEMIG pelo financiamento da pesquisa mediante a concessão de bolsa de iniciação científica para o primeiro autor do artigo e ao CNPq pelo financiamento do grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos Discursivos".

---

*Artigo recebido em: 12/03/2025  
Artigo aprovado em: 20/04/2025  
Artigo publicado em: 24/09/2025*

#### COMO CITAR

RIVELLI, J. V. F.; VALE, R. P. G. A polêmica em Personagens Bíblicos – Novo Testamento: a retórica do dissenso na argumentação religiosa. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-18, e02509, 2025.